
COELHINHOS DO LYNCH, QUE TRAZEM PRA MIM? Narrativa, estilo e interpretação em *Rabbits*¹

João Paulo HERGESEL²

Rogério FERRARAZ³

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Ao assistir a *Rabbits* (David Lynch, 2002), obra lançada primeiramente na internet, é possível detectar a ideia de experimentação artística propiciada pelo formato websérie. Tentar compreender a história que é contada nessa narrativa audiovisual tornou-se um gatilho para perceber que, devido à trama não linear, é possível que os espectadores desenvolvam interpretações distintas. A fim de chegar a considerações fundamentadas a respeito do assunto, apresenta-se uma leitura interpretativa da referida produção, tendo como base os estudos de Tzvetan Todorov e David Bordwell, acerca de narrativa e estilo.

PALAVRAS-CHAVE: audiovisual; ficção seriada; websérie; David Lynch. *Rabbits*.

Considerações iniciais

Em pesquisas anteriores (cf. HERGESEL, 2015), vimos que a websérie pode ser definida como uma narrativa midiática produzida, prioritariamente, em modalidade audiovisual, de modo serializado, cujos episódios ficam disponíveis para visualização em diferentes esferas do universo da hipermídia, especialmente os portais de armazenamento de vídeos. Embora não se tenham regras fixas para caracterização do formato, existem marcas que estão fortemente ligadas a ele, como a linguagem preferencialmente audiovisual, a serialização, a curta duração dos episódios, os enquadramentos fechados, a disponibilidade on-line, o investimento geralmente baixo, o público incerto.

Rabbits (David Lynch, 2002) se encaixa nessa classificação, pois, embora tenha sido idealizado por um cineasta estadunidense de renome, o produto foi divulgado, a princípio, somente na internet, por meio da página pessoal do autor – e posteriormente

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² João Paulo Hergesel é doutorando em Comunicação (UAM), mestre em Comunicação e Cultura (Uniso) e licenciado em Letras (Uniso). Contato: jp_hergesel@hotmail.com.

³ Rogério Ferraraz é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Contato: rferraraz@anhembi.br.

se expandindo para outros espaços da hipermídia. Ainda que um recorte dessa obra tenha sido reaproveitado no filme *Império dos sonhos (Inland Empire, 2006)*, como veremos adiante, é inevitável considerar a ficção seriada, em um primeiro momento, como obra independente.

Notamos, previamente, que, nessa narrativa episódica criada por Lynch, há a utilização de elementos chamados experimentações poéticas, o que amplifica a complexidade do enredo. Com isso, entende-se que tentar compreender a história que é contada vem a se tornar um gatilho para perceber que, devido à trama não linear, é possível que os espectadores desenvolvam interpretações distintas.

Neste trabalho, temos como objetivo principal chegar a considerações fundamentadas a respeito do assunto; para isso, apresenta-se uma análise interpretativa da referida produção, tendo como base os estudos de Tzvetan Todorov e David Bordwell, acerca de narrativa e estilo. Salienta-se que não desejamos encerrar as discussões acerca do objeto, mas fomentá-las, sugerindo um caminho – e apenas um dentre tantos – para apreciação da narrativa.

Conhecendo *Rabbits*

Rabbits é apresentada ao público com uma sinopse visivelmente genérica – “Em uma cidade sem nome, inundada por uma chuva contínua, três coelhos vivem com um mistério assustador”⁴ – e sem demais revelações. Disponibilizada na íntegra no YouTube⁵, ainda que de modo informal e em vídeo único, a websérie consiste em oito episódios, que somam 43 minutos de registro audiovisual (ou 50 minutos, se considerados os créditos de abertura e de encerramento de cada episódio, como na postagem original).

Alguns sites colaborativos de informações, como a Wikipédia, definem *Rabbits* como uma série de filmes de horror curtos para a web⁶; outros sites, como o IMDb, caracterizam o produto como um curta-metragem⁷; já para o criador, trata-se de uma

⁴ Tradução livre do inglês. Fragmento original: “In a nameless city, deluged by a continuous rain, three *Rabbits* live with a fearful mystery”. Disponível em: <<http://www.lynch.net/Rabbits/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

⁵ Publicada pelo canal wherearethefishmacs, 21 jan. 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/GxKPBLjHAEA>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

⁶ Conforme verificado em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Rabbits_\(film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Rabbits_(film))>. Acesso em: 03 jul. 2018.

⁷ Conforme verificado em: <<https://www.imdb.com/title/tt0347840/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

sitcom de nove episódios⁸. A visão de Lynch para a obra chega a ser tão conturbada quanto a obra em si, visto que a alusão à *sitcom* (perceptível no cenário, nos enquadramentos e efeitos sonoros) não é suficiente para enquadrá-la nesse formato; além disso, o nono episódio que é mencionado parece inexistir no universo on-line.

Neste trabalho, utilizamos a noção de websérie para nos referirmos a *Rabbits*, tendo em vista a presença de episódios curtos, aparentemente sem alto investimento, que denotam certa continuidade. Além disso, constata-se que os recursos de produção (movimentos de câmera, figurino, maquiagem, aspectos cenográficos) são limitados, bem como é nítida a possibilidade de experimentação artística, fortemente propiciada pela internet, devido à liberdade de acesso e produção nessa mídia.

É perceptível que fábula e trama – com sentido de, respectivamente, “o que é contado” e “como é contado”, tal qual defendido em Bordwell (2005) – caminham aos solavancos, sem ordem cronológica clara, apelando para diversos desvios, na narrativa de *Rabbits*; é admissível, portanto, afirmar que tal produto denota uma complexidade vigente às obras de arte. Com o objetivo de compreender um pouco mais das camadas dessa comunicação artística realizada entre o diretor e o público, por intermédio do produto, oferece-se uma análise dividida em duas partes.

A primeira confere a *Rabbits* o posto de narrativa midiática, isto é, fenômeno constituído por personagens que interagem, criando ações que compõem um enredo, pautado em determinada ambientação e temporalidade, sob um foco narrativo auto, homo ou heterodiegético⁹. Assim sendo, espelha-se no modelo estrutural de análise de narrativas, proposto por Tzvetan Todorov (1971), a fim de despetalar as categorias que a compõem. Visto que se trata de uma obra audiovisual, viu-se necessário complementar esse processo com base na proposta analítica de Francis Vanoye e Anne Góliot-Lété (2002) e nos estudos estilísticos teorizados por David Bordwell (2008).

A segunda parte, por sua vez, ancora-se na observação comentada acerca dos episódios, costurando informações obtidas pelos diálogos, bem como pela sonorização e visualidade, com o propósito de consolidar uma possível análise do objeto. Procurou-se investigar, a princípio, em cada episódio, as informações que poderiam servir de gatilho para compreensão desse enredo.

⁸ Conforme verificado em: <<http://www.lynchnet.com/Rabbits/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

⁹ O narrador autodiegético é o que participa da história enquanto personagem principal (narrador-protagonista); o homodiegético, como personagem secundário; e o heterodiegético, que não está presente na história (observador ou onisciente).

Essa metodologia adotada coincide com as instruções de pesquisa em Comunicação registradas por Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2016), quanto ao eixo horizontal, isto é, sintagmático, de empirismo, de prática de análise. Segundo a autora (LOPES, 2016, p. 99), essa vertente é organizada em quatro fases: inicia-se com a definição do objeto; passa-se para a observação; segue para sua descrição; e encerra-se com a interpretação.

Aplicar a análise estrutural da narrativa seguida de uma abordagem interpretativa para *Rabbits* é justificado por se entender que as obras lynchianas necessitam de um olhar para apreender o que está abstrato, além do explícito. Acreditamos que somente com uma investigação que extrapole os limites da mera descrição de som e imagem somos capazes de atingir um resultado satisfatório para o *corpus* eleito.

***Rabbits* como narrativa midiática**

Sugerindo um método para análise de narrativas, Todorov (1971) inclina-se para a maneira estruturalista de observar os textos. Dessa forma, o autor propõe que se investiguem, ao menos, cinco categorias: enredo (as ações que fazem com que a narrativa se desenvolva); personagens (os seres que executam as ações); tempo (o modo de disposição do enredo e a época em que a diegese se encontra); espaço (o ambiente em que tudo ocorre); e foco narrativo (o ponto de vista adotado para se contar a história).

Ao se pensar nessa modalidade analítica para as narrativas audiovisuais contemporâneas, vemos que os tópicos coincidem e podem ser devidamente utilizados, como demonstrado por João Paulo Hergesel & Míriam Cristina Carlos Silva (2016). Nesse sentido, portanto, temos em *Rabbits* um enredo não linear, com diálogos que, à primeira vista, rompem com a lógica, além de visualidade e sonorização aparentemente sem coesão e infestadas de quebras de coerência.

Três personagens principais, que se assemelham a uma família tradicionalmente burguesa da década de 1950, e um coadjuvante podem ser identificados na obra. São, respectivamente: Suzie (interpretada pela atriz Naomi Watts), coelha que possivelmente assume o posto de mãe da família, devido às suas ações de organizar a casa e passar roupas; Jack (interpretado pelo ator Scott Coffey), coelho que aparentemente cumpre a função de marido de Suzie, pelo fato de chegar a casa após, dedutivamente, um dia

trabalho; Jane (interpretada pela atriz Laura Herring – salvo o episódio 3, que é vivida pela cantora Rebekah Del Rio), coelha que tende a ser vista como a filha do casal, sempre sentada no sofá da sala e lendo um livro; e uma espécie de “demônio” (produzido com efeitos computadorizados e portador de uma fala indecifrável), que aparece no canto superior direito em determinados momentos da narrativa.



Fig. 1: Apresentação dos personagens e amostra do cenário e da iluminação. Fonte: *Rabbits*.

Um fato que chama a atenção nos personagens é que os três coelhos são interpretados por um elenco já visto em *Cidade dos Sonhos (Mulholland Drive, 2001)*¹⁰, mesmo quando há a substituição das atrizes, no episódio 3. Essa conexão pode, inclusive, indicar uma intertextualidade, como se as narrativas estivessem de fato se complementando – ou, pelo menos, criando alusões.

A ambientação em *Rabbits* é exclusivamente interna, priorizada por um espaço físico simples, com um sofá de três lugares, uma mesa de telefone próxima à porta e uma tábua de passar roupas ao fundo. Perceptivelmente, estão em um palco, com uma plateia que ri em alguns momentos, criando uma atmosfera semelhante à do formato *sitcom*. O que difere a obra lynchiana das comédias de situação, entre tantas coisas, é a iluminação, sempre baixa, com eventuais piscadas de luz, além de nuances vermelhas e blecautes.

Essa mesma iluminação leva a crer que a obra se passa no período noturno; os recursos sonoros, em complementação, sugerem que se trata de uma noite chuvosa. Além disso, alguns aspectos ajudam a entender melhor a temporalidade da história, fazendo acreditar que ela se concentra em um único dia – a saber: o local em que cada

¹⁰ Considerado o melhor filme do século XXI pela BBC (2016), *Cidade dos Sonhos (Mulholland Drive, 2001)* acompanha a vida de uma mulher que, após um acidente de carro, perde a memória e precisa se redescobrir, mas se perde na confusão entre sonho e realidade.

personagem se encontra, as ações de cada um deles, suas vestimentas sempre iguais e o discurso que se completa ao juntar os fragmentos.

Por fim, sabe-se que o foco narrativo assume a posição de narrador heterodiegético, isto é, que não participa da história, cabendo-lhe somente o papel de transmiti-la. Além disso, trata-se de um narrador observador, que retrata apenas o que está sendo mostrado, sem imersões naquilo que os personagens ainda estão por descobrir. Também se nota que há uma focalização externa, ou seja, o espectador não tem conhecimento dos pensamentos e segredos dos personagens.

Análise descritivo-interpretativa de *Rabbits*

Rabbits é uma obra fértil para interpretações bastante distintas. Em um levantamento concentrado em críticas e comentários brasileiros sobre a peça audiovisual, vemos um exemplo disso. Em blog especializado, Aurélio (2010) defende, a inexistência a inexistência de uma história e da intenção única de apresentar cenas independentes e aleatórias, com comunicação verbal *nonsense* e justificativa indefinida. Siqueira (2013), em contraponto, adota um tom mais macio para reconhecer o propósito de fugir do estilo clássico das narrativas hollywoodianas, tornando inviável buscar uma forma de estruturar categoricamente a obra em introdução, desenvolvimento e conclusão.

Vannucchi (2015), por sua vez, intermedia as opiniões e pontua os dois lados: tanto do público que tende a considerar *Rabbits* uma gravação simplória, sem o menor esforço nem méritos, quanto do público que enxerga uma genialidade por trás do invólucro poético que permeia a obra. Ressalta, por fim, a necessidade de participação do espectador em obras surrealistas como esta, ou seja, destaca a relevância do leitor enquanto parceiro criador da arte.

Enquanto pesquisadores voltados à análise de conteúdo, acreditamos que, por meio das falas, ainda que desconexas, das personagens, é possível registrar algumas ideias sobre o que está acontecendo na narrativa, episódio a episódio. No primeiro, por exemplo, três informações parecem fundamentais: a que é sexta-feira; a que ninguém telefonou; e a que algo está em segredo. Elas servem como ponto de partida para uma indagação acerca de o que pode estar acontecendo na fábula.

No segundo episódio, somos comunicados de que já passou das 19 horas e está chovendo. Comenta-se sobre a existência de um homem de casaco verde. Jack pergunta à Suzie se ela é loira, em uma possível referência à atriz Naomi Watts. Ocorre, nessa parte, a primeira aparição do que parece ser um “demônio” – talvez, representando um espírito que os assombra por algum motivo.

O episódio seguinte é marcado pelo monólogo de Jane, a coelha entendida como matriarca. É, também, o episódio em que a atriz Laura Herring não participa, sendo a personagem interpretada por Rebekah Del Río. Aqui, cria-se um adendo para recordar que ambas as atrizes estiveram juntas no filme *Cidade dos Sonhos*, sobretudo na sequência conhecida como Club Silencio, uma espécie de entrelugar habitado por alucinações, fantasmas e espíritos.

Isso nos leva a interrogar: seria *Rabbits*, por completo, uma alucinação? Estaria Jane sendo assombrada por algum fantasma do passado? Deixando as dúvidas como reflexões abertas e voltando ao que a *mise-en-scène* apresenta, vemos a coelha informar que algo está pegando fogo, além de mencionar termos como “olhos abertos”, “dentes para fora”, “molhado” e “no escuro” – uma possível referência a alguém que morreu eletrocutado.

No episódio quatro, descobrimos que está chovendo, assim como mencionado nos episódios dois e seis, o que pode indicar certa conexão cronológica. Diferentemente do primeiro episódio, neste episódio somos informados de que houve ligações. Informa-se, também, que são 23h15, um horário posterior ao anunciado no sexto episódio. Os personagens comentam que alguém sai pela manhã e volta pela noite, podendo ser o tal homem do casaco verde. Nessa parte, fica evidente que Suzie fez alguma coisa.

O quinto episódio é um monólogo de Jack. Por meio da voz cantada, ele informa que algo diferente aconteceu; logo um incidente que não faz parte do cotidiano. O personagem menciona os termos “doença” e “quente”, possíveis referências a alguém doente, com febre. Menciona, também, os termos “língua inchada”, “tomada gotejando”, “eletricidade”, “saliva amarela”, “pés azuis”, “queimadura”, “bulbo”, possíveis referências a uma descarga elétrica. Menciona, ainda, os termos “rasgando”, “sangue”, “janela quebrada”, possível referência ao fato de a vítima ter tentado fugir quando percebeu a calamidade.

O episódio subsequente contém novas informações para compreensão do enredo, especialmente da noção de temporalidade que nos ajuda a reorganizar a trama. Nessa

parte, somos comunicados de que havia um homem no telefone, o que nos leva a confabular que pudesse ser o tal homem de casaco verde. Indica-se que são 20h35, ou seja, esse momento da fábula situa-se entre os episódios dois e quatro, ou até mesmo durante o um. Conta-se, também, que está chovendo, igualmente aos episódios dois e quatro.

O sétimo episódio é um monólogo de Suzie, a coelha que cumpre o papel de mãe. Ela menciona termos como “pano quente”, “algodão” e “curativo”, possíveis referências a alguém doente. Menciona, também, o termo “pele velha”, possível referência a alguém idoso. Menciona o termo “insetos na cama”, possível referência a um delírio, ou ainda, ao evento que despertou a vítima.

São ainda mencionados os termos “sirenes próximas” e “navios distantes”, podendo significar uma cidade grande não litorânea. Para Alessandra Cavisi (2008), essas expressões combinadas com a também pronunciada “dentes sorridentes”, remetem à imagem de Laura Palmer, personagem de *Twin Peaks* (1990-1991),¹¹ em sua icônica foto sorridente no porta-retratos e em seu corpo sem vida encontrado às margens de um rio. Acreditamos, porém, tratar-se de uma possível referência a Hollywood, local de ambientação de *Cidade dos Sonhos* (de 2001) e de *Império dos Sonhos (Inland Empire, 2006)*¹². Este último longa-metragem, por sua vez, aproveita-se de um recorte de *Rabbits* em sua trama, inserindo-o como um programa que é visto por uma personagem através de um aparelho de televisão; e o fato de ter sido produzido em 2006 – em comparação ao *Cidade dos Sonhos*, de 2001 – denota que *Rabbits*, de 2002, foi uma produção que fica no intermeio.¹³

¹¹ Em 2017, David Lynch retomou o universo da série televisiva em *Twin Peaks – o retorno*, produzida pelo canal Showtime e distribuído internacionalmente pelo serviço de streaming Netflix.

¹² *Império dos Sonhos (Inland Empire, 2006)* registra a vida de uma atriz de cinema que acaba permitindo que a vida de sua personagem interfira em sua própria vida, criando misturas indissolúveis entre realidade e ficção.

¹³ Em um texto publicado na extinta revista eletrônica de crítica de cinema Cinequanon (cinequanon.art.br), por ocasião do lançamento no Brasil do longa *Império dos Sonhos*, Ferraraz (2007) observou: “Como não citar, por exemplo, o seriado televisivo que é visto por uma personagem do filme, que acaba refletindo e intensificando a atmosfera estranha (pensamos, aqui, no conceito do estranho familiar freudiano) e surrealista da obra? Os homens-coelho do seriado juntam-se à galeria dos homens-planta lynchianos, assim denominados e analisados pelo crítico e teórico francês Michel Chion (1987): o ser humano e sua imobilidade diante da vida cotidiana, geradora de uma angústia sufocante e perturbadora. Lynch aproveita, aqui, de seu seriado *Rabbits*, feito desde 2002 diretamente para seu site, www.davidlynch.com, que mostra o dia-a-dia depressivo, mas ao mesmo tempo cômico, de uma família de homens-coelho. O surrealismo é que dá o tom, fazendo lembrar de outras obras de Lynch, como, por exemplo, seu primeiro longa, *Eraserhead* (1977).

Império dos sonhos, porém, parece concluir uma espécie de trilogia, composta por *A estrada perdida* (Lost Highway, 1997) e *Cidade dos Sonhos*. Alguns temas são fundamentais nas três obras: a fratura e a duplicação do indivíduo; a presença real e fantasmagórica do duplo; a memória, como uma espécie de região pantanosa ou movediça, forjada e atravessada pelas lembranças imaginadas e/ou midiaticizadas; os limites da representação e da atuação; e o embaralhamento total, até a dissolução, das fronteiras entre o real e a ficção, ou entre o real e a ilusão de real.”

No último episódio, ficamos cientes de que já passou da meia-noite, isto é, este trecho da fábula encontra-se situado depois do episódio quatro. Informam, para encerrar a obra, que havia algo vermelho, o que nos leva a crer se tratar de sangue, ferimentos ou queimaduras.

Apontamentos finais

A ideia de que os produtos midiáticos funcionam de forma semelhante a uma agulha hipodérmica, injetando dados e ideologias em um espectador passivo, já não consegue se sustentar diante da demanda de pesquisas acerca dessas narrativas. *Rabbits* é uma amostragem de como as produções da mídia são capazes motivar a participação ativa do espectador.

A justificativa dessa ponderação se compõe com o fato de que, embora seja uma narrativa fechada, a obra, por meio de seu enredo psicológico e das características de vanguarda, possibilita interpretações intensamente distintas a respeito de uma mesma história. De modo a zelar pela objetividade e pela concisão do texto, enumeram-se, de maneira topicalizada, os resultados alçados por nossa análise:

1. Provavelmente, Suzie, como matriarca da família de coelhos, cometeu um crime, ocultado por Jack e Jane, que são, em suposição, seu marido e sua filha, respectivamente. Essa formação de família tradicional burguesa é uma característica fortemente visível no sitcom, especialmente as primeiras produções em meados de 1950, gênero constantemente parodiado nessa obra de Lynch.
2. O homem do casaco verde, aparentemente, era um paciente idoso de Suzie e foi eletrocutado após uma descarga elétrica, sobretudo por não conseguir fugir do quarto em que estava trancado.
3. Por acreditar que é a culpada pelo homicídio, a família de coelhos ouve incessantemente vozes do além, representadas por uma espécie de demônio vermelho, e fazem rituais, como acender velas, para tranquilizar sua consciência.
4. A presença de Rebekah Del Rio no episódio 3, em substituição à Laura Harring, pode remeter ao Club Silencio, de *Cidade dos Sonhos (Mulholland Drive, 2001)*, uma espécie de entrelugar habitado por alucinações, fantasmas e espíritos, tal qual o Black Lodger, de *Twin Peaks (1990-1991; 2017)*, do mesmo diretor. Isso

leva a crer que a narrativa está, de alguma forma, interligada – assim como ocorre explicitamente em *Império dos Sonhos (Inland Empire, 2006)*.

5. A história parece seguir a respectiva ordem de episódios: 2, 6, 4, 8 e 1. Os episódios 3, 5 e 7 assemelham-se a uma subnarrativa (abertura feita no tempo da narrativa principal) inseridas da trama, quiçá com a função de representar o superego suprimido pelo id.

Mesmo satirizando o formato sitcom, por intermédio das risadas e aplausos de claque, essa obra de Lynch está muito mais ligada à websérie do que à série televisiva ou a outra forma convencional de narrativa seriada. Corroboram com esse argumento a presença de episódios curtos, aparentemente sem alto investimento, que denotam certa continuidade, e os recursos de produção limitados, bem como a possibilidade de experimentação artística, fortemente propiciada a todos, devido à liberdade de acesso e produção na internet.

Além disso, vimos com o levantamento proposto neste trabalho que a demanda por uma leitura que exija participação propicia a esse objeto de ficção seriada uma especificação: websérie de evento artístico e de crossmídia – pois seu recorte, como está na internet, aparece no cinema –, com eventual inclinação para a intermídia – já que permite a conexão direta ou indireta com outras narrativas/mídias.

A partir daqui, cabem novas indagações, tais como: de que forma *Rabbits* complementa (ou não) as narrativas às quais está relacionado, em especial *Império dos Sonhos*? Nesse sentido, de que modo a ficção seriada auxilia na condução de uma narrativa cinematográfica? Quais são as possíveis produções de sentido geradas com a aproximação das similaridades nessas obras de David Lynch? Deixamos um convite para que esses questionamentos sirvam como norte para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BORDWELL, David. *O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos*. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**. São Paulo: Senac, 2005, v. 2, p. 277-301.

_____. **Figuras traçadas na luz: a encenação no cinema**. Trad. Maria Luiza Machado Jatobá. Campinas: Papirus, 2008.

CHION, Michel. Blue Velvet de David Lynch: Ce que couve l'immobilité des plantes. **Cahiers du Cinéma**. No. 391. Paris: 1987. p. 22-24.

HERGESEL, João Paulo. **Estilística aplicada à websérie**. Saarbrücken (Alemanha): Novas Edições Acadêmicas, 2015.

HERGESEL, João Paulo; SILVA, Míriam Cristina Carlos. Análise estrutural todoroviana do tecido narrativo confeccionado em *Record* (direção de Mess Santos, 2014). **Comunicação & Inovação (Online)**, v. 17, p. 87-101, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Proposta de um modelo metodológico para o ensino da pesquisa em comunicação*. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

TODOROV, Tzvetan. *As categorias da narrativa literária*. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 209-254.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne (1994). *Ensaio sobre a análise fílmica*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002.

Referências eletrônicas

AURÉLIO, Marco. Crítica: *Rabbits*. **Cinemarco Críticas**, mar. 2010. Disponível em: <<http://cinemarcocriticas.blogspot.com.br/2010/03/Rabbits.html>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BBC. **The 21st Century greatest films**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/culture/story/20160819-the-21st-centurys-100-greatest-films>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

CAVISI, Alessandra. *Rabbits* > David Lynch. **Rapporto Confidenziale**, n. 8, p. 7, 2008. Disponível em: <<http://www.rapportoconfidenziale.org/?p=3989>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FERRARAZ, Rogério. "Império dos sonhos": Hollywood e as fissuras humanas. In: **CINEQUANON**. < http://www.cinequanon.art.br/estreias_detalle.php?id=821&num=1>. Publicado originalmente em 14dez.2007.

IMDb. **Rabbits (2002)**. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0347840>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

LYNCH, David. **Rabbits**. Disponível em: <<http://www.lynch.net/Rabbits/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

SIQUEIRA, Vinicius. *Rabbits* o filme: os coelhos de David Lynch. **Obvious**, dez. 2013. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2013/12/Rabbits_o_filme_os_coelhos_de_david_lynch.html>. Acesso em: 10 jul. 2018.

VANNUCCHI, Ju. *Rabbits*: Um genial retrato do cinema surrealista. **Cinema10**, 4 jan. 2015. Disponível em: <<http://cinema10.com.br/materias/Rabbits-um-genial-retrato-do-cinema-surrealista>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

WIKIPÉDIA. **Rabbits (film)**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Rabbits_\(film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Rabbits_(film))>. Acesso em: 03 jul. 2018.

Obras audiovisuais

CIDADE dos Sonhos (*Mulholland Drive*). Direção de David Lynch. Estados Unidos: Asymmetrical Productions [et al], 146 min., cin., son., color., 2001.

IMPÉRIO dos Sonhos (*Inland Empire*). Direção de David Lynch. Estados Unidos; Polônia; França: StudioCanal [et al], 180 min., cin., son., color., 2006.

RABBITS. Direção de David Lynch. Estados Unidos: David Lynch, 50 min., internet, son., color., 2002.

TWIN Peaks. Criação de David Lynch e Mark Frost. Estados Unidos: ABC, 45 min, telev., son., color., 1990-1991.